

INDUSTRIALIZAÇÃO E TRABALHO NA INDÚSTRIA NO NORTE DE MINAS: ORIGENS, SUDENE E REFLEXÕES SOBRE O PERFIL RECENTE DOS TRABALHADORES FORMAIS OCUPADOS.

Roney Versiani Sindeaux. Professor do Departamento de Ciências da Administração - Unimontes

Cândido Guerra Ferreira. Professor do CEDEPLAR - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional/UFMG

RESUMO:

O artigo discute o processo de industrialização e de consolidação do mercado de trabalho no Norte de Minas na sua especificidade de “região mineira do nordeste”, característica reforçada pela atuação da SUDENE. Propõe-se apontar que as origens da industrialização e da formação do mercado de trabalho na região, vinculadas a características do seu processo de ocupação e a atuação da SUDENE consolidaram um perfil de setor industrial e de trabalhadores que possibilitou seu desenvolvimento baseado em uso de mão-de-obra com baixa remuneração e escolaridade. Busca também, ao analisar o perfil da ocupação para o período de 1985 a 2010, destacar as mudanças nas características de faixa etária e de escolaridade dos trabalhadores, bem como na faixa de remuneração dos mesmos no setor. A partir dessa análise, propõe instigar algumas reflexões acerca desse perfil e sua relação com o controle do trabalho e dos trabalhadores na região. Para a análise, utilizou-se pesquisas e trabalhos realizados no Norte de Minas, principalmente pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social da Unimontes e dados disponíveis na base de dados da RAIS/MTE. Eles foram coletados, tabulados e analisados considerando as características do tamanho dos estabelecimentos e da faixa etária, escolaridade, gênero e faixa de remuneração dos trabalhadores ocupados na indústria.

ABSTRACT

The article discusses the process of industrialization and consolidation of the labor market in the North of Minas Gerais in its specificity of "area of Minas Gerais of northeastern" feature reinforced by SUDENE. It is proposed to point out that the origins of industrialization and the formation of the labor market in the region, linked to characteristics of the process of occupation and SUDENE a consolidated profile of industry and workers that enabled its development based on use of hand-workforce with low wages and schooling. Search also in analyzing the profile of the occupation for the period 1985 to 2010, highlight the changes in the characteristics of age and education of workers as well as the range of pay in the same sector. From this analysis, we propose to instigate some thoughts about this profile and its relation to the control of labor and workers in the region. For the analysis, we used surveys and studies conducted in northern Minas, especially by the Postgraduate Program in Social Development Unimontes and data available in the database RAIS/MTE. They were collected, tabulated and analyzed considering the characteristics of the size of establishments and age, education, gender and range for the remuneration of workers employed in the industry.

Palavras chave: Mercado de trabalho; Norte de Minas, SUDENE; Setor Industrial

Área Temática: História Econômica e Demografia Histórica

INDUSTRIALIZAÇÃO E TRABALHO NA INDÚSTRIA NO NORTE DE MINAS: ORIGENS, SUDENE E REFLEXÕES SOBRE O PERFIL RECENTE DOS TRABALHADORES FORMAIS OCUPADOS.

Roney Versiani Sindeaux;

Cândido Guerra Ferreira.

1 Introdução

“Minas são muitas” já dizia Guimarães Rosa. Compreendendo essa diversidade de Minas Gerais e da distribuição geográfica de sua estrutura produtiva é que se apresenta esse artigo. Busca-se apresentar e discutir o processo de industrialização e de consolidação do mercado de trabalho no Norte de Minas, com suas especificidades de “região mineira do nordeste”, característica reforçada a partir de meados do século XX, com a atuação da SUDENE. Propõe-se apontar que as origens da industrialização e da formação de um mercado de trabalho na região, vinculadas a características do seu processo de ocupação e a atuação da SUDENE consolidaram um perfil de setor industrial e de trabalhadores que possibilitou o desenvolvimento do setor baseado em uso intensivo da mão-de-obra com baixa remuneração e escolaridade.

Porém, ao analisar as características da ocupação para o período mais recente, a partir de 1985, observou-se que algumas características de faixa etária e de escolaridade dos trabalhadores ocupados na indústria têm se alterado, bem como a faixa de remuneração no setor. Assim, a partir da apresentação do perfil dos trabalhadores ocupados na indústria propõe-se instigar algumas reflexões acerca desse perfil, com relação ao controle do trabalho e dos trabalhadores na região.

Para a análise dos aspectos históricos, utilizou-se como fonte pesquisas e trabalhos realizados na região, principalmente pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social da Unimontes, bem como outras fontes bibliográficas. Quanto à análise do perfil da indústria e da ocupação no setor para o Norte de Minas, foram utilizados os dados disponíveis na base de dados da RAIS do MTE. Esses dados foram coletados, tabulados e analisados visando apresentar tal perfil a partir das características do tamanho dos estabelecimentos empregadores e da faixa etária, escolaridade, gênero e faixa de remuneração dos trabalhadores ocupados na indústria.

Além dessa introdução, esse artigo apresenta uma reflexão sobre as origens e o desenvolvimento da indústria e do trabalho no Norte de Minas até o surgimento da Sudene, seguida de uma reflexão sobre o papel da Sudene nesse desenvolvimento para, posteriormente, apresentar a análise dos dados coletados referentes ao período a partir de 1985 s 2010. No final apontam-se as considerações e reflexões a partir das mudanças ocorridas nesse período e suas possíveis implicações para a gestão do trabalho na indústria na Região.

2 Origens do Desenvolvimento industrial no Norte de Minas

O Norte de Minas tem sua história vinculada à expansão da pecuária advinda do nordeste e das bandeiras paulistas. De acordo com Pereira (2007), antes da descoberta das minas na região central de Minas Gerais, já havia uma sociedade agropastoril constituída no Norte, embora a demanda da atividade mineradora é que tenha contribuído para dinamizar a economia da região, até então focada na subsistência. Localizada em uma posição geográfica estratégica entre o centro minerador e o norte e nordeste do País, a economia da região consolidou-se também a partir do

comércio, dando origem a centros comerciais integrados à dinâmica da região mineradora, mas tendo como base a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência, até o século XIX.

A partir de meados do século XIX o algodão passou a ter certo destaque comercial na região, incentivado pela crise da produção norte-americana na década de 1860, causada pela Guerra da Secessão¹. Embora para Pereira (2007:35), o crescimento da atividade algodoeira não tenha significado “alterações nas relações de produção predominantes na região, funcionais à pecuária extensiva e a agricultura de subsistência”, o crescimento dessa atividade produtiva gerou possibilidades para a implantação das primeiras indústrias na região, vinculadas ao subsetor têxtil. Assim, para além da expressão comercial, a atividade algodoeira deu origem ao processo de industrialização da região, com base no subsetor têxtil, mas sem que a principal característica produtiva regional, vinculada à atividade agropecuária, perdesse seu status de preponderante.

De acordo com Oliveira (2000), em 1872 teve início a atividade industrial no norte de Minas Gerais, com a implantação da Fábrica do Cedro, na cidade de Caetanópolis².

Da mesma forma, seguindo o processo de industrialização e em função da perda de espaço da mineração no Vale do Jequitinhonha (especificamente em Diamantina), em 1874 o Conselheiro João da Mata Machado construiu na localidade de Santa Bárbara, hoje município de Augusto de Lima, a Fábrica de Tecidos de Santa Barbara³.

Em Montes Claros, cidade que passou a assumir papel de destaque na região a partir da segunda metade do século XIX, a primeira indústria implantada foi a Fábrica do Cedro - em 1879, iniciando o funcionamento em 1882.

Segundo Oliveira (2000), no final do século XIX e início do século XX havia também em Montes Claros pequenas indústrias vinculadas à pecuária e à agricultura, com produção voltada para o atendimento da comunidade local. No entanto, apenas a indústria têxtil possuía estrutura de produção de maior porte. Vianna (1916:67) ressalta sua organização: “É talvez esta a única fábrica em Minas, cujos maquinismos foram assentados em ponto próprio e ordem natural, conforme o seu destino, (...) no intuito de se economizar tempo e mão-de-obra”.

Na perspectiva do trabalho e trabalhadores, a pecuária (criação de gado para tração, corte e couro), principal atividade econômica, se adequava bem à região pois exigia pouca mão-de-obra e sem habilidades específicas, características importantes em uma espaço geográfico com população reduzida (Mata-Machado, 1991). Além disso, a agricultura de subsistência que se desenvolveu vinculada à pecuária, garantia a sobrevivência dos trabalhadores que, tornando-se mais numerosos, consolidavam as fazendas de gado e os primeiros povoados⁴.

¹ Cardoso, José Maria Alves. A região norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (orgs). Formação social e econômica do norte de Minas.

² Atualmente, Caetanópolis não pertence à região Norte de Minas, porém à época sim. A Fábrica do Cedro foi a primeira indústria têxtil do grupo Cedro e Cachoeira, um dos maiores grupos têxteis do País atualmente

³Sobre a diversificação das atividades produtivas decorrentes da crise da mineração em Diamantina, ver Martins (2008).

⁴ A consideração dos trabalhadores da atividade agropecuária como embrião dos trabalhadores da economia capitalista no Norte de Minas só é possível compreendendo a dinâmica da pecuária regional integrada à economia mineradora e aos processos capitalistas de produção e consumo quando já existentes nos centros “mais desenvolvidos do sudeste”, uma vez que não havia, até o último quartil do século XIX, atividade tipicamente capitalista na região que caracterizasse a mão-de-obra ocupada em tais atividades como um mercado de trabalho. Os vínculos de compadrio existentes não se baseavam em contratos e negociação, como soe acontecer em uma relação típica de mercado, mas em relações de proteção e gratidão, de apadrinhamento e proximidade, que geravam vínculos de lealdade e dependência entre proprietários e trabalhadores. Ver Mata-Machado (1991), Pereira (2002) e Pereira (2007).

De acordo com Costa (2003) a maior parte de população do Norte de Minas no período colonial era constituída de negros e eles tiveram importante participação no processo de civilização da Região. No entanto, destaca o autor que devido à principal atividade econômica ser a pecuária extensiva, baseada na liberdade de ação do vaqueiro que devia, sobre uma montaria, campear o gado na mata, a utilização de escravos tornava-se difícil sob o risco do mesmo abandonar a tarefa e fugir. Assim, a produção se baseava não no trabalho escravo, mas no trabalho da família e dos agregados, em relações familiares, de compadrio ou de cunhadismo (no caso indígena) e, apenas posteriormente (século XX), no assalariamento. Dessa forma, o Norte de Minas difere muito, em grau, do desenvolvimento da atividade produtiva em outras regiões onde o trabalho escravo foi a base da produção⁵.

Partindo dessa perspectiva, é possível considerar que o embrião do mercado de trabalho da região está vinculado aos trabalhadores da atividade agropastoril, ao vaqueiro e ao agregado que trabalhavam para o proprietário das fazendas. A eles, com o surgimento das vilas e cidades, somaram-se os trabalhadores das pequenas unidades de produção artesanal e alguns dos tropeiros e barqueiros que, não possuindo animais e barcos, trabalhavam para os fazendeiros⁶. Esse embrião de trabalhadores se formou no bojo de relações sociais de produção caracterizadas pelo *compadrio*, onde a proteção, a dádiva e a gratidão se integravam e suavizavam as relações de exploração⁷.

Além desse aspecto, o vazio demográfico da região, em processo de ocupação, possibilitava a ampliação do número de trabalhadores (e agregados) que passavam a morar e trabalhar nas fazendas. De acordo com Coutinho (2008:365):

A população excedente no meio rural formou-se nos tantos momentos de desagregação das atividades dinâmicas (açúcar, mineração) ou ainda pela incorporação de contingentes não suscetíveis à escravização (descendentes de indígenas, brancos pobres, escravos libertos e seus descendentes). A base da formação de bolsões de população excedente é a existência de terra livre, ou terra de ocupação acessível desde que o ocupante aceite as diversas formas de subordinação aos proprietários. Pois bem, tal população forma a base da “economia de subsistência”; vale dizer, é uma força de trabalho que pode ser atraída a baixo preço, sempre que houver oportunidades.

Reforçando a perspectiva apontada por Coutinho (2008), além da referência à existência de terras livres, também a desagregação de um breve ciclo de desenvolvimento na região – a produção de látex de mangabeira e de maniçoba-, localizado na microrregião de Januária no último quartel do século XIX, provocou o aumento da massa trabalhadora disposta a aceitar as condições de trabalho oferecidas, mesmo a baixos preços. Assim:

como na Amazônia, onde a exploração da seringueira provocou um surto migratório sem precedentes, no Vale do São Francisco, entre Januária e Remanso, a extração do látex da mangabeira e da maniçoba inscreveu uma história em tudo semelhante: pequena duração do ciclo econômico, extração predatória e exploração da mão-de-obra nordestina (...) A produção da borracha de maniçoba e da mangabeira no Vale

⁵ Barbosa (2003) apresenta uma detalhada exposição sobre a impossibilidade de se considerar os trabalhadores escravos e o comércio de escravos como um mercado de trabalho na perspectiva capitalista. Para o Norte de Minas tal análise não se aplica dado à pequena participação do escravo no desenvolvimento econômico.

⁶ De acordo com Silva (2011), muitas relações comerciais e pagamentos eram efetivados através de trocas, “haja vista a carência de circulação de moeda. A própria indústria têxtil Cedro e Cachoeira se utilizou do escambo” (p.36).

⁷ A força dessas relações de compadrio na conformação de um processo de gestão caracterizado pela subserviência e pela cultura da dádiva é bem detalhada nos estudos que associam o coronelismo às relações de subordinação dentro das empresas no Brasil.

do São Francisco provocou êxodo nordestino para a área. Trabalhadores explorados, comerciantes desiludidos e plantadores frustrados foram o saldo da fugaz febre da borracha. (MOREIRA, 2010: 27-29).

Com o surgimento de outras atividades produtivas decorrente do processo de desenvolvimento, novos trabalhadores passam a integrar o quadro que irá compor o mercado de trabalho da região. Dessa forma, de acordo com Moreira (2010:27), o crescimento da atividade algodoeira, que originariamente se desenvolveu associada ao milho e/ou ao feijão de subsistência, devido ao seu caráter mercantil,

provocou o aparecimento, na Região, de muitas boladeiras e posteriormente de descarçadoras motorizadas. Equipamentos estes que tinham a finalidade de separar a fibra do caroço do algodão, sendo a fibra transportada em lombos de burro para pontos de comércio, e os caroços usados na alimentação bovina, principalmente em períodos de seca.

A consequência seguinte foi o fomento à indústria têxtil. Complementa o autor que vinte unidades têxteis foram instaladas em Minas Gerais entre 1872 e 1899, cujas principais se localizavam em Curvelo, Sete Lagoas e Santa Luzia, mas todas abastecidas com algodão oriundo da região norte-mineira (MOREIRA, 2010).

O processo de industrialização nascente alterou a composição do mercado de trabalho da região, incorporando o trabalhador da indústria, com dinâmica e lógica diferentes de produção, não mais vinculadas às atividades agropastoris, mas nem por isso, desvinculadas do contexto econômico e cultural da região.

Para Montes Claros, segundo dados organizados por Botelho (1994) citado por Silva (2011), verifica-se um sensível crescimento das atividades artesanais e de administração pública, tipicamente urbanas, embora a maioria da ocupação esteja concentrada em atividades agrícolas, conforme pode ser observado na TAB 01.

TABELA 01: Ocupação por setores em M. Claros, para os anos de 1848, 1862 e 1876

Profissões agregadas por setores	1848		1862		1876	
	N	%	N	%	N	%
Atividades agrícolas (criador, fazendeiro, lavrador, proprietário, vaqueiro)	345	78,3	579	81,2	1080	81,9
Artesanato (alfaiate, carpinteiro, ferreiro, pedreiro, sapateiro, ouriveres, dentre outras)	41	9,2	57	7,9	143	11,0
Administração Pública (carcereiro, escrivão, professor, oficial de justiça, promotor, tabelião, sacerdote, dentre outras)	12	2,7	16	2,2	22	1,9
Profissões Liberais (advogado, farmacêutico, médico, músico, dentre outras)	3	0,7	4	0,4	5	0,5
Comércio (negociante, caxeiro, tropeiro)	38	8,6	59	8,3	60	4,5
Transporte (carreiro, arrieiro)					2	0,2
Sem informação	2	0,5				
TOTAL	441	100,0	715	100,0	1.312	100,0

Fonte: Silva, 2011:42. Elaborada com dados de Botelho, 1994.

No final do século XIX e início do século XX, a dinâmica de integração da região a outros centros comerciais e outras regiões de Minas se intensificou, principalmente após a inauguração de Belo Horizonte em 1897 e com a implantação da ferrovia no Norte de Minas, processo que se estendeu de 1908 a 1950.

Embora a fundação de Belo Horizonte tenha sido importante, a implantação da ferrovia foi o fator principal de dinamização do início do século XX até a década de 1950, incrementando o comércio de gado e dando origem às fazendas de engorda e posterior comercialização de bovinos às margens da ferrovia.

De acordo com Pereira (2007), a expansão da ferrovia no norte de Minas, iniciada em 1908 com a inauguração do terminal de Várzea da Palma, ficou paralisada em Montes Claros, a partir da inauguração do terminal na cidade em 1926 e posterior integração a Janaúba somente em 1946, para interligação à Bahia em 1950. Segundo o autor, essa paralização da expansão da ferrovia por aproximadamente 20 anos em Montes Claros favoreceu seu desenvolvimento, reforçando o seu papel de coletor e distribuidor da produção regional, o que ampliou o comércio atacadista e a rede bancária na cidade⁸.

Também Santos (1997:38) destaca a importância da ferrovia para o desenvolvimento da região. Para o autor, o isolamento provocado pelas restrições da Coroa ao comércio com o Norte de Minas só foi rompido após a construção da ferrovia. Nos dizeres do autor:

Com a intensificação da atividade mineradora, o norte de Minas consolidou-se como importante região fornecedora de produtos agropecuários para as minas. Entretanto, problemas envolvendo o contrabando de ouro e a sonegação de impostos fizeram com que a Coroa adotasse severas medidas de restrição ao comércio do Norte de Minas com as regiões mineradoras, provocando um crescente isolamento da região. Tal isolamento só foi rompido no início do século XX, com a construção da ferrovia, com um ramal chegando até Pirapora e a linha principal passando por Montes Claros.

Nessa perspectiva, a implantação da ferrovia reforçou a estrutura produtiva da região, não alterando suas características ou dependência da pecuária, apenas ampliando a escala da atividade.

Quanto ao impacto na formação do mercado de trabalho, a chegada da ferrovia também foi importante. Especificamente para Pirapora, Senna (1918:1152)⁹ citado por Moreira (2010) destaca que:

O Anuário de 1918 de Minas Gerais, escrito por A. Ramos César, datado de outubro de 1910, (no) que se refere a Pirapora, (comenta):

‘A população ali aumenta numa proporção notável. Diariamente chegam famílias imigrantes atraídas pela riqueza da região. Não se encontram uma única casa vaga, existindo inúmeros prédios em construção na margem direita, onde a população é mais densa e onde o movimento comercial já é grande, existindo duas fábricas de bebidas, padaria, casa de bilhares, duas farmácias, restaurantes, hotéis etc.’

Em 1911, quando foi inaugurada a estação férrea, Pirapora passou a centralizar o comércio de todo o sertão Noroeste de Minas e logo transformou-se no maior centro industrial da região.

⁸ Ver também Lessa, 1993.

⁹ SENNA, Nelson de. Anuário de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1918:1152. citado por Moreira, 2010:29-30

Dessa forma, a integração dos trabalhadores oriundos da atividade agropastoril à dinâmica da produção e reprodução capitalista ocorreu com o início da industrialização na região, embora com características específicas pois, de acordo com SILVA (2011:47)

os sertanejos construíram sua própria existência por meio do trabalho, ainda carregado de aspectos humanos e de relações sociais que de certa forma obstaculizavam o desenvolvimento do conflito entre as classes, como a relação de compadrio.

A partir desses apontamentos históricos, importa destacar algumas características que, presentes na formação inicial do mercado de trabalho regional, irão marcá-lo no decorrer de suas transformações: Inicialmente, o volume de mão-de-obra disposta para o trabalho, que cresce e se torna excessiva decorrente i) do tamanho da população rural e sua posterior migração para as áreas urbanas, ii) da imigração oriunda do nordeste em busca de novas atividades econômicas na região e iii) da escassez de alternativas econômicas, o que possibilita sua atração a baixo preço, segundo Coutinho (2008), principalmente devido ao isolamento da região levado a cabo pela Coroa e que provocou a degradação de muitas atividades econômicas e consequente desocupação da mão-de-obra.

A significativa ausência de mão-de-obra escrava na origem da formação do mercado de trabalho, conforme mencionado, também merece destaque uma vez que de certa forma, invalida as análises que têm na relação escravocrata a explicação para algumas características do mercado de trabalho brasileiro e do processo de gestão que, dessa maneira, não são aplicáveis ao Norte de Minas¹⁰.

Por fim, as relações de produção se baseavam em vínculos familiares, de proximidade e de proteção patrimonialista e paternalista, favorecendo a conformação de um contingente de trabalhadores adequados a um processo de trabalho conduzido com base em relações de compadrio e de coronelismo que, ao mesmo tempo em que dificultam a consolidação de relações efetivamente capitalistas, solidificam a cultura da dádiva como instrumento de controle.

Um novo impulso de desenvolvimento, que impactou a estrutura de produção e a dinâmica econômica da região foi a criação da SUDENE e a inclusão do Norte de Minas como área de atuação da mesma. Até meados da década de 1950 a atividade industrial foi incipiente, mas com a criação e consolidação da SUDENE essa atividade tornou-se parte importante da economia da região.

¹⁰ A análise de Alexandre de Freitas Barbosa (2003:74-82) sobre a formação do mercado de trabalho brasileiro cede espaço, embora de maneira tangencial, às características do “caipira ou caboclo” e do “mestiço nordestino” na economia colonial. O primeiro, presente na capitania paulista e posteriormente, a partir das bandeiras, também em **Minas Gerais**, Goiás e Matogrosso, atuava geralmente como agregado nas fazendas, e é definido pelo autor como um “quase expropriado e não integrado à produção mercantil”, um “agente não econômico em essência”. O segundo, os “mestiços do nordeste” exerciam funções variadas “como agregados, comboieiros, jangadeiros, canoieiros, vaqueiros, sertanistas de penetração e garimpeiros”, ocupavam os “espaços deixados pelos escravos e as **terras além da fronteira agrícola**”. Da análise do autor, Três aspectos chamam a atenção: i) Primeiro: tal análise reforça as leituras que apontam um trabalhador diferente do escravo como preponderante na região em virtude das características apontadas: isolamento, abundância de terras, trabalho de auto-subsistência e relações de auxílio vicinal que, no caso, ficavam a cargo dos fazendeiros e coronéis; ii) Segundo: a comparação direta e simplificada da dinâmica desses dois espaços completamente diferentes que, a nosso ver, deveriam ser melhor diferenciados, compreendidos e analisados; iii) Terceiro: Conforme mencionado, a formação histórica do Norte de Minas contempla a integração tanto das bandeiras paulistas quanto da expansão da ocupação via Nordeste, conforme descreve Costa (2003). Dessa forma, para compreender o trabalhador da região à época, é necessário integrar às características do caipira e sua “cultura”, o perfil, atividades e dinâmica do “mestiço nordestino”, reforçando a tese de que o desenvolvimento do mercado de trabalho na região possui características específicas.

Embora a discussão sobre os objetivos e resultados obtidos pela SUDENE seja controversa para alguns autores, é ponto comum na literatura que sua política de incentivos favoreceu a alteração da estrutura produtiva e fomentou o desenvolvimento industrial da Região Norte de Minas.

3 O Norte de Minas como área da SUDENE

O processo de criação da SUDENE resulta da preocupação do Estado, no Governo Juscelino Kubitschek (JK), em promover o desenvolvimento da região Nordeste do país a partir de uma perspectiva diferenciada, em função da sua condição climática e, também, estrutura produtiva. Com esse foco, em 15 de dezembro de 1959, através da lei 3.692 foi criada a SUDENE como organismo planejador e coordenador da política regional de desenvolvimento para o Nordeste e para a região de Minas Gerais incluída no Polígono das Secas.

De acordo com Telles (2006:21), a inserção do Norte de Minas na área da SUDENE provocou um salto no desenvolvimento socioeconômico regional, através da utilização de estratégias de atração de capital que se concentraram em:

- (i) Erguer uma infra-estrutura que atraísse investimentos de empresários de outras regiões (centro-sul de Minas Gerais e demais regiões do país), (ii) oferecer isenção de impostos e (iii) subsidiar projetos particulares que fomentassem a dinamização industrial da área de sua abrangência.

Para Oliveira (1996), o período inicial de atuação da SUDENE no Norte de Minas, nos primeiros dez anos não foi acompanhado da dinâmica esperada. Também Pereira (2007) destaca tal fato. No entanto, a análise dos autores é diferente, embora sejam complementares.

Para Oliveira (1996), tal lentidão se deveu às condições de infraestrutura existentes na região, principalmente em relação à energia e ao transporte. Quanto à energia, a baixa capacidade de oferta inviabilizava a instalação de indústrias e limitava a capacidade de produção. Em relação aos transportes, a quase inexistência de rodovias pavimentadas dificultava a integração das empresas ao mercado regional e o acesso ao Centro-Sul.

Não desconsiderando os aspectos relacionados à infraestrutura, Pereira (2007), aponta um argumento político para justificar a fraca atuação da SUDENE no Norte de Minas nos anos iniciais. Para o autor, “os deputados e governadores do Nordeste não viam com simpatia a extensão dos benefícios da SUDENE para uma região do Sudeste como o Norte de Minas.” e complementa “além da precisão jurídica, faltava presença política de Minas Gerais junto à SUDENE” (PEREIRA, 2007:50-51). Considerando também o argumento da infraestrutura, comenta que somente a partir de 1965 é que os primeiros resultados da intervenção da SUDENE começaram a aparecer¹¹.

Após 1965, com o fornecimento adequado de energia para Montes Claros e Pirapora, com uma maior (se comparada aos anos iniciais) atuação do Governo do Estado junto à SUDENE, a industrialização, especialmente em Montes Claros, Pirapora e Várzea da Palma, e a modernização do campo começavam a deslançar. (PEREIRA, 2007:53).

A primeira indústria implantada no Norte de Minas com os incentivos da SUDENE foi o FRIGONORTE, inaugurado em 1965, que tinha como sócio majoritário o Governo do Estado, através do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais-BDMG, e outros investidores da região. Essa indústria foi a concretização de um sonho da elite regional, acalentado desde o final da década

¹¹Para Pereira (2007), em função do fortalecimento político de Minas Gerais e do Norte de Minas na entidade. Para Oliveira (1996) e Cardoso (2000) devido às possibilidades de infraestrutura criadas coo a interligação de Pirapora e Montes Claros à oferta de energia elétrica da usina de Três Marias.

de 1940, a partir da integração da principal atividade econômica da região (a pecuária) aos recursos do Estado de Minas Gerais e os incentivos fiscais da SUDENE. (PEREIRA, 2007).

A década de 1970 marca o início da efetiva atuação da entidade no Norte de Minas, a partir da implantação de diversos projetos industriais apoiados e fomentados (através da política de incentivos fiscais) pela SUDENE. Conforme Braga (1985:74), na década de setenta e início de oitenta ocorreu uma significativa mudança na atividade produtiva da região, com a indústria ganhando cada vez mais espaço. Comentando em 1985, a autora menciona:

Sem dúvida, possui a região, hoje, um parque industrial de importância muito mais significativa do que possuía a décadas passadas. Foi impulsionada a implantação cada vez mais crescente de novas indústrias, em face à política de incentivos fiscais e governamentais, oriundos da SUDENE, executada, principalmente na última década. Em consequência, houve uma acentuada mudança na estrutura de produção.

Essa dinâmica mencionada por Braga (1985) não atingiu, de maneira equitativa, toda a região Norte de Minas, havendo a concentração de projetos e indústrias em alguns municípios. De 1964, época do primeiro projeto aprovado, até o final de 1979, 96,8% dos projetos foram concentrados em Montes Claros (54,8%), Pirapora (25,8%), Várzea da Palma (13%) e Bocaiuva (3,2%), restando a todos os outros municípios da região apenas 3,2% dos projetos.

De acordo com Oliveira (1996), a concentração nos municípios de Montes Claros e Pirapora ocorreu devido à capacidade desses núcleos urbanos de suportarem a implantação dos projetos industriais, frente à falta de infraestrutura dos demais municípios. Telles (2006:23) também reforça tal afirmação e acrescenta:

o processo de crescimento econômico regional já nasceu dependente do financiamento estatal que privilegiava as áreas onde já existiam pré-condições de se consolidar o capitalismo industrial. Tal situação torna então compreensível o fato de as cidades mais bem-estruturadas do Norte de Minas, como Pirapora e Montes Claros, receberem um maior nível de investimento.

Nas décadas de 1980 e 1990, o ritmo de surgimento de novos projetos reduziu e os recursos foram investidos muito mais em ampliação de atividades ou em outras atividades da SUDENE, o que, de acordo com Telles (2006:25), foi devido ao “declínio do modelo de desenvolvimento sustentado exclusivamente pela capacidade do Estado de promover o crescimento econômico”, que guiava a ação da SUDENE.

Muitas leituras podem ser realizadas e várias críticas podem ser apontadas ao processo de desenvolvimento gerado pela SUDENE no Norte de Minas desde a sua criação. Tais leituras e críticas variam conforme o foco adotado na análise. Apesar destas críticas e ponderações, é consenso que a atuação da SUDENE gerou profundas alterações na atividade produtiva da região e na própria estrutura de produção regional, com impactos não só na dimensão econômica, mas em várias características sociais e na dinâmica demográfica regional, embora com influência diferente naqueles municípios onde a concentração de projetos incentivados foi maior, como é o caso de Montes Claros. Assim, a atuação da SUDENE contribuiu para que o setor industrial no Norte de Minas ganhasse o destaque que possui hoje, com suas características atuais, conforme será detalhado a seguir.

Na perspectiva do mercado de trabalho, as alterações provocadas pela SUDENE variam desde a mudança da estrutura fundiária e consequente distribuição da população entre áreas urbana e rural e entre as microrregiões do Norte de Minas, passando pela presença de novas atividades

produtivas, como a indústria de grande porte (acima de 100 empregados) que até então não existia na região, até a reconfiguração das elites locais e mudanças na cultura regional.

Na perspectiva desse trabalho, importam as transformações que afetaram o mercado de trabalho e, em específico, três aspectos que podem ser destacados como impactantes na dinâmica de consolidação e transformação do mercado de trabalho: i) a atuação no fomento e financiamento das atividades agropecuárias; ii) a implantação e o fomento de projetos de reflorestamento e iii) o estímulo à industrialização via financiamento de projetos industriais de grande porte.

Para os dois primeiros casos, o principal impacto está relacionado a questões demográficas de aumento da população dos centros urbanos e aumento do contingente de trabalhadores (antes ocupantes de pequenas propriedades, agregados e parceiros nas fazendas) que, deslocados para os centros urbanos, não possuíam atividade de agricultura de subsistência.

No caso das atividades agropecuárias, a busca de financiamento fez com que os fazendeiros transformassem suas fazendas em empresas rurais o que gerou o início de um processo de profissionalização das relações antes organizadas sobre bases informais. Por outro lado, como o financiamento dessas atividades dava-se para grandes projetos agroindustriais, ocorreu o aumento do tamanho das propriedades rurais através da aquisição e/ou ocupação de pequenas propriedades (Rodrigues, 2000; Cardoso, 2000; Moreira, 2010; Silva, 2011). O mesmo ocorreu com a implantação de projetos de reflorestamento organizados e financiados em propriedades de grande extensão de terras e que, próprio da atividade, não ocupou grande quantidade de mão-de-obra.

Essa modernização de fazendas e fazendeiros provocou uma concentração de terras, pois pequenas propriedades foram incorporadas às novas grandes áreas agropastoris ou de reflorestamento¹². Para Moreira (2011:42) essa concentração fundiária se deu também devido a “expulsão de posseiros e agregados e a ocupação das áreas comunais, utilizadas pelas populações tradicionais, por empresas reflorestadoras num processo de grilagem”. E acrescenta que “a concentração fundiária na região produziu a desestruturação da pequena produção e até mesmo seu desaparecimento, gerando a expulsão do homem do campo e um grande movimento de fluxo migratório”.

Quanto à industrialização, o financiamento de projetos industriais alterou a dinâmica local e criou a necessidade de um novo perfil e contingente de trabalhadores dispostos a atuar nessa nova atividade econômica até então inexpressiva.

De acordo com Cardoso (2000), somente a partir da década de 1970 e efetivamente na década de 1980 é que o setor industrial tornou-se expressivo na economia da região e provocou mudanças da estrutura produtiva regional. Para o autor, durante a década de 1960, houve a preparação da região para possibilitar a penetração do capital industrial moderno que, no entanto, convivia com processos de produção tradicionais. A dinâmica de industrialização iniciada com os primeiros projetos implantados gerou um aumento do número de empreendimentos industriais na região que acompanharam e alimentaram o crescimento do setor.

Por outro lado, é importante destacar que os projetos incentivados, em sua maioria, possuíam uma relação capital/trabalho elevada e assim, intensivos em capital, absorviam pouca mão-de-obra.

¹² Segundo Querino (2006) esse processo de “incorporação” das pequenas propriedades teve início com a chegada da ferrovia a Montes Claros, sendo as terras apropriadas por aqueles que detinham “algum capital ou informações que lhes dava as condições para tal” (p. 163). Isso fez com que os agregados e parceiros dos fazendeiros fossem “privados dos seus meios de subsistência e do acesso à terra” e migrassem para as cidades que “nesse processo, em termos demográficos, cresceram cada vez mais”. (Querino, 2006:163).

Além disso, parte desse contingente de trabalhadores, principalmente aqueles mais especializados, vinha de fora da região. Não obstante, a partir da década de 1970, o total de trabalhadores ocupados no setor industrial apresentou ganhos crescentes e não deixou de ser significativo. (CARDOSO, 2000; OLIVEIRA, 2000).

Assim, a implantação de projetos industriais financiados e fomentados pela SUDENE provocou um aumento no número de trabalhadores ocupados na indústria¹³, mas não foi suficiente para absorver toda a mão-de-obra que migrou para a área urbana das principais cidades da região. Essa mão-de-obra deixou o setor agropecuário em busca de melhores oportunidades na indústria recém-chegada ou, ainda, buscando uma ocupação que lhe pudesse garantir a sobrevivência, em virtude da perda de sua condição de trabalhador do setor rural.

Como o processo de implantação das atividades industriais conduziu a uma concentração das indústrias e projetos em 04 cidades da região (Montes Claros, Bocaiuva, Pirapora e Várzea da Palma), isso provocou, nessas cidades, uma rápida urbanização da população uma vez que, segundo Cardoso (2000:311), tais cidades

passaram a ser o destino de grande número de migrantes, que buscavam empregos e melhores condições de vida (...) este movimento migratório contribuiu para o crescimento das populações destes núcleos urbanos, que não estavam infra-estruturalmente preparados para receber tal incremento populacional.

Partindo de tais considerações, merece destaque então a importância da SUDENE como indutora do processo de modernização do setor agropecuário e de desenvolvimento industrial na região. Esses dois processos, pela forma que foram conduzidos, alteraram a distribuição da população regional incrementando a participação da população urbana. Com isso, a oferta de trabalhadores para as indústrias ampliou-se, aumentando a possibilidade, já mencionada, de se recrutar uma força de trabalho, embora com baixa escolaridade, disposta a oferecer trabalho a preço baixo.

Quanto à escolaridade, de acordo com CARDOSO (2000:316), no Norte de Minas em 1980, entre as microrregiões, em média, apenas 3,4% das pessoas com 10 anos ou mais de idade possuíam o 1º grau (ensino fundamental) completo e somente 2,2% o segundo grau (ensino médio), uma situação diferente da distribuição da escolaridade dos empregados da indústria no Brasil que, segundo dados do Ministério do Trabalho de 1981¹⁴, de acordo com a ocupação, o percentual de pessoas com primeiro grau completo (ginasial) atingia entre 8,9 a 16,8% dos empregados e, com o segundo grau completo (colegial), 1,8 a 3,9% dos mesmos (TAB 02).

Quanto à remuneração, é importante considerar que, de acordo com dados do Ministério do Trabalho de 1985, a remuneração média dos trabalhadores do setor industrial no Brasil variava de 2,3 a 3,9 Salários Mínimos em 1981, de acordo com o grupo ocupacional (TAB 03).

¹³ Em 1970, 6,2% da PEA regional estavam no setor industrial, 18,1% no setor terciário (comércio e serviços) e 75,8% no setor primário. Em 1980, a participação do setor primário foi de 61,0%, do setor terciário 26,0% e do setor industrial 12,0%. Assim, a participação na atividade vinculada ao ambiente rural caiu 14,8% e a participação daquelas vinculadas ao ambiente urbano (indústria, comércio e serviços) cresceu 13,7%. (Cardoso, 2000:311).

¹⁴ BRASIL, 1985: 323. A tabela em referência apresenta a distribuição por grupo ocupacional da Classificação Brasileira de Ocupações-CBO. Os grupos 7, 8 e 9 contemplam as ocupações do setor de transformação industrial. (p. 317)

TABELA 02: Nível de escolaridade na indústria – Brasil, 1981.

Grau de instrução	Analfabeto	Primário Incompleto	Primário Completo	Ginásial Completo	Colegial Completo	Superior Completo	Não informou	Total (100%)
Grupo 0/1	0,0	2,1	12,1	13,2	33,2	37,6	1,8	1.919.648
Grupo 2	0,0	3,2	12,3	9,3	46,5	27,6	1,1	756.940
Grupo 3	1,8	4,6	21,2	31,0	33,3	6,2	1,9	3.716.030
Grupo 4	1,6	8,0	41,2	31,9	14,9	2,0	0,4	1.050.243
Grupo 5	7,6	30,9	48,1	9,1	3,0	0,4	0,9	1.495.337
Grupo 6	26,7	45,6	23,3	1,8	0,8	0,1	1,7	432.330
Grupo 7	4,5	24,2	57,4	10,2	2,8	0,4	0,5	1.375.451
Grupo 8	2,4	17,6	58,6	16,8	3,8	0,4	0,4	1.510.866
Grupo 9	7,7	33,8	48,1	7,9	1,5	0,2	0,8	3.261.495
Grupo X	6,6	15,9	30,8	19,5	14,1	5,9	7,2	1.696.943
TOTAL	4,5	17,1	35,6	17,1	16,4	7,6	1,7	17.215.283

Fonte: BRASIL, 1985:323.

TABELA 03: Remuneração média dos empregados por grupo ocupacional – Brasil - 1981¹⁵

Grupo Ocupacional	Remuneração Média em 1981 (Cr\$)	Referência ao Salário Mínimo Médio
Grupo 0/1	55.333	6,1
Grupo 2	66.264	7,2
Grupo 3	35.022	3,8
Grupo 4	27.152	3,0
Grupo 5	17.166	1,9
Grupo 6	13.972	1,5
Grupo 7	26.563	2,9
Grupo 8	31.036	3,4
Grupo 9	21.153	2,4
Grupo X	26.741	2,9
TOTAL	31.684	3,5

Fonte: BRASIL, 1985:338.

Considerando que no mesmo ano e local um trabalhador ou trabalhadora gastaria aproximadamente 75% do Salário Mínimo para adquirir a cesta básica, a oportunidade de trabalhar com remuneração de 1 a 1,5 Salários Mínimos poderia significar um rendimento além da

¹⁵ Considera os empregados formais. Conforme mencionado, os grupos 7, 8 e 9 contemplam as ocupações relacionadas ao setor industrial. Merece destaque a observação de que as menores médias ficam com o grande grupo 6, referente aos trabalhadores agropecuários, florestais, da pesca e trabalhadores assemelhados. A remuneração desse grupo (1,5 SM) se aproxima da remuneração média da maioria daqueles que possuem rendimento no Norte de Minas. Ou seja, a indústria na região pode assumir como remuneração o nível de remuneração do setor agropecuário.

expectativa da maioria e, no entanto, inferior aos valores praticados, em média, na indústria no Brasil.

Em Montes Claros, principal centro urbano e com maior concentração de estabelecimentos industriais, de acordo com Oliveira (2000), no ano de 1980, apenas 51,30% das pessoas com 10 anos ou mais possuía rendimento. Dessas, 23,31% ganhavam até 01 Salário Mínimo, sendo que 11,15% ganhavam até 0,5 Salário Mínimo, conforme pode ser observado na TAB 04.

TABELA 04: Pessoas de 10 anos ou mais por rendimento mensal – M. Claros - 1980

Rendimento em SM	Participação total de pessoas (%)	Acumulado	Participação total de pessoas com rendimento (%)
até 0,25	4,11	4,11	8,01
0,25 a 0,5	7,04	11,15	13,72
0,5 a 1	12,16	23,31	23,71
1 a 1,5	10,50	33,81	20,47
1,5 a 2	4,53	38,34	8,82
2 a 3	5,05	43,38	9,84
3 a 5	4,02	47,41	7,84
5 a 10	2,60	50,01	5,07
10 a 20	1,21	51,22	2,36
Mais de 20	0,08	51,30	0,16
Sem rendimento	48,27	99,57	94,08
Sem declaração	0,43	100,00	0,84
Total	100,00	-	-
Total com rendimento	51,30	-	100,00%

Fonte: Elaboração própria com base em Oliveira (2000:89)

Assim, aliado aos incentivos fiscais oferecidos pela atuação da SUDENE, o baixo custo de mão-de-obra foi outro fator atrativo para as empresas, embora tal mão-de-obra demandasse qualificação e possuísse grau de escolaridade baixo.

4 Os estabelecimentos industriais e sua mão de obra ocupada no período 1985 a 2010

Para o INDI (2008), as políticas da SUDENE para o Norte de Minas, não foram suficientes para alterar o processo de desenvolvimento desigual entre as diversas regiões de Minas Gerais, com forte tendência de contínua acentuação das disparidades na produção industrial.

Essas disparidades são refletidas na ocupação de trabalhadores no setor industrial que, para o período de 1985 a 2010, manteve-se concentrada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com participação média de 43,22% no período, seguido da região sul/sudeste, com 13,52% e Zona da Mata, com 10,99% de participação média.

É importante observar que a soma da participação das regiões Zona da Mata e sul/sudeste de Minas atinge pouco mais da metade (24,5%) da participação da região Metropolitana de Belo Horizonte, reforçando o argumento da concentração das atividades industriais. Quanto ao Norte de

Minas em relação ao estado, sua participação não superou 3,51% no período¹⁶. Essa dinâmica de expansão e retração do estoque de trabalhadores nos setores em Minas Gerais conduziu a um quadro atual onde o Norte de Minas participa com 2,86% do estoque de mão-de-obra da indústria no Estado (GRAF 01).

Embora a participação do setor industrial do Norte de Minas seja pequena comparando-a com as regiões de maior dinamismo industrial, a participação da indústria na ocupação da mão-de-obra regional sempre foi relevante, para o período.

Os dados de 1985 a 2010 demonstram um crescimento da ocupação de trabalhadores no setor industrial de 73,68% no período, embora sua participação em relação aos outros setores diminuiu. Em 1985, a indústria de transformação respondia por 24,87% do estoque da mão de obra ocupada no Norte de Minas e em 2010 atingiu apenas 13%. Essa perda de participação é resultado mais da expansão dos outros setores (principalmente administração pública) do que da perda de empregados do setor industrial (GRAF. 02 e GRAF.03).

Detalhando o setor industrial nos seus subsetores, ainda na perspectiva do número de trabalhadores ocupados, o maior estoque de mão de obra, em 2010 estava na indústria metalúrgica, seguido do subsetor têxtil ocupando, respectivamente, 29,02% e 24,34% dos trabalhadores da indústria, conforme pode ser observado na TAB. 03. É possível observar também que para o período de 1985 a 2010, os subsetores de maior ocupação de mão-de-obra na indústria variaram, com a presença do subsetor de alimentos e bebidas, ocupando as primeiras posições até a década de 1990.

TABELA 03: Participação dos subsetores da indústria no total de trabalhadores empregados no setor no Norte de Minas. 1985-2010

	1985	1990	1995	2000	2005	2010
SUBSETORES IBGE	ESTOQUE	ESTOQUE	ESTOQUE	ESTOQUE	ESTOQUE	ESTOQUE
MIN NAO MET	10,47%	10,91%	8,48%	10,76%	9,44%	10,74%
IND METALURG	24,40%	29,01%	25,00%	24,66%	24,74%	29,02%
IND MECANICA	2,48%	5,51%	1,73%	0,51%	2,11%	1,35%
ELET E COMUN	1,10%	1,12%	0,84%	0,98%	0,38%	0,20%
MAT TRANSP	1,73%	0,19%	2,33%	0,89%	0,24%	0,58%
MAD E MOBIL	1,38%	1,60%	1,61%	2,36%	4,37%	4,26%
PAPEL E GRAF	1,39%	1,52%	1,54%	2,33%	1,98%	2,11%
BOR FUM COUR	8,71%	5,15%	1,80%	2,09%	2,62%	2,44%
IND QUIMICA	5,27%	4,72%	8,93%	10,69%	12,93%	8,50%
IND TEXTIL	11,52%	18,47%	28,16%	29,26%	29,03%	24,34%
IND CALCADOS	2,54%	2,36%	0,11%	0,10%	0,17%	0,01%
ALIM E BEB	29,02%	19,44%	19,48%	15,38%	11,99%	16,45%
TOTAL	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

¹⁶ Os dados do MTE demonstram que de 1985 a 2010, a média de crescimento do estoque de trabalhadores ocupados, para o Norte de Minas, foi maior do que a média do estado. Em quase todos os setores essa média é maior, em favor do Norte de Minas, exceto para o setor agropecuário e para o setor industrial. Nesse caso em específico, a média de crescimento da região (74,09%) foi menor em mais de 20 pontos da média do estado (95,39%).

Fonte: RAIS/MTE

Enquanto distribuição geográfica, conforme já mencionado, a dinâmica de atuação da SUDENE gerou no Norte de Minas dois núcleos de desenvolvimento industrial nas microrregiões de Montes Claros e Pirapora. De 1985 a 2010, essa concentração diminuiu com o crescimento da atividade industrial em outras microrregiões, mas não possibilitando, ainda, uma distribuição mais homogênea no Norte de Minas (GRAF 05).

A queda de participação de Montes Claros não se deve à redução do número de trabalhadores na indústria, mas ao aumento da ocupação em outras microrregiões como Janaúba e Salinas e mesmo em Pirapora, que embora tenha reduzido o número de trabalhadores entre 1990 e 2000, retoma o crescimento e conseqüente participação na região a partir de então (GRAF 06).

Embora essa dinâmica do período não tenha alterado significativamente a distribuição das indústrias e ocupações do setor industrial na região, é interessante observar que a microrregião de Janaúba em 2010 ultrapassou a de Bocaiuva no número de trabalhadores ocupados no setor. No entanto, a distância dessas duas microrregiões para Pirapora e Montes Claros ainda é muito grande.

Ocupação e tamanho das empresas

Os trabalhadores ocupados na indústria, no Norte de Minas, em 2010, estavam, em sua maioria (61,45%) nas empresas com 100 empregados ou mais, sendo que aquelas que possuíam mais de 500 empregados representavam 40,37% dessa ocupação. Essa situação é decorrente de mudanças ocorridas nessa distribuição a partir de 1985, com gradativa redução da participação das grandes empresas no total (GRAF 07).

Houve maior participação das empresas menores (até 19 empregados) na ocupação dos trabalhadores, em relação às grandes (100 ou mais empregados) no decorrer do período. Isso ocorreu devido ao aumento do número de empresas com menor número de empregados. Segundo os dados do MTE, as empresas de até 4 empregados passaram de 184 em 1985 para 649 em 2010, representando um crescimento de 352,72% no período (GRAF 08).

Essa dinâmica do período conforma então uma ocupação dominada principalmente por grandes empresas, e em processos de produção variando de indústrias tradicionais, como a têxtil e a de alimentos e bebidas, àquelas mais modernas, como a químico-farmacêutica, passando pela grande indústria de base (metalúrgica), principal empregadora.

Faixa etária dos trabalhadores: acima dos 30 anos.

A idade dos trabalhadores ocupados na produção da indústria manteve a prevalência da faixa de 30 a 39 anos com maior participação. Porém mudanças mais significativas, em termos de participação no total, ocorreram para as faixas de 18 a 24 anos e de 40 a 49 anos, com variação, em termos absolutos, diferente para as mesmas (GRAF 09).

No caso da faixa de 18 a 24 anos, embora sua participação no total tenha caído (de 27,3% para 20,1%) com relação a 1985, praticamente não houve alteração no número de trabalhadores dessa faixa. O que ocorreu foi um aumento do número de trabalhadores de outras faixas, principalmente acima de 30 anos, com destaque para o crescimento da faixa de 40 a 49 anos, cuja variação atingiu 150,2%. Dessa forma, a faixa de 18 a 24 anos, que na década de 1990 permaneceu como a segunda faixa etária de maior número de trabalhadores, (atrás da faixa de 30 a 39 anos),

perdeu espaço para a faixa de 25 a 30 anos a partir de 2002, sendo que o número de trabalhadores da faixa de 40 a 49 anos vem crescendo desde 2000 e tende a ultrapassar os trabalhadores em idade de 18 a 30 anos (GRAF 10).

Grau de instrução: elevação da escolaridade dos trabalhadores

Considerando os dados, é possível observar que quanto à escolaridade, as mudanças no período foram muito significativas. Houve uma queda constante da participação dos trabalhadores com menor escolaridade no total, considerando os analfabetos e aqueles com ensino fundamental incompleto. Nesse grau de instrução, a participação caiu de 79,8% em 1985 para 24,0% em 2010. Por outro lado, houve um crescimento elevado da participação dos trabalhadores de nível médio completo no total, saindo de 3,0% em 1985 para 47,8% em 2010¹⁷(GRAF 11).

Para os outros níveis de escolaridade, as variações foram menores. No entanto, merece ser mencionado ainda que: i) ocorreu crescimento também da participação dos trabalhadores com nível fundamental completo, e ii) embora o crescimento da participação dos trabalhadores com nível superior tenha sido considerável no período (1135,7%), a participação dos mesmos no total ainda é baixa, não atingindo 3% (2,6%) do total.

Para o ano de 2010, observa-se uma pequena prevalência dos trabalhadores com grau de instrução a partir do nível médio completo (51,88%), incluindo aqueles que possuem o ensino superior completo (2,63%) e incompleto (1,39%). Dentre os outros 48,12% dos trabalhadores, 37,42% possuem nível fundamental completo e os outros 24,10% não concluíram esse nível de ensino, incluindo os analfabetos (0,15%).

Gênero: A produção na indústria do Norte de Minas: um espaço masculino.

Enquanto houve mudanças nas características de faixa etária e de escolaridade dos trabalhadores e trabalhadoras da produção na indústria no período de 1985 a 2010 conforme foi apresentado, para o gênero, as mudanças foram pequenas e podem ser mais creditadas a variações em um ou outro subsetor com maior ou menor peso no total, do que a um comportamento geral. Assim, em 2010, a produção continuou a ser um espaço predominantemente masculino (88,8%), com baixa participação de mulheres (11,2%)

Faixa de remuneração: Os trabalhadores em dois grupos.

Em 2010 a maioria (58,7%) dos trabalhadores que atuaram na produção da indústria no Norte de Minas, possuía remuneração até 2,0 salários mínimos (SM), embora concentrados (57,1%) na faixa de 1,01 a 2,0 SM. Se forem somados aqueles cuja remuneração atingia até 3,0 SM (21,8%), então 80,5% dos trabalhadores estavam enquadrados nessa faixa. Do outro lado, aqueles que possuíam remuneração acima de 10 SM equivaliam a 4,7% do total sendo que na faixa de 10,01 a 15 SM, encontravam-se 4,5% dos trabalhadores e na faixa de 15,01 a 20 SM, estavam enquadrados 0,2%¹⁸. Na faixa intermediária, de 3 a 10 SM, estavam 15,6% dos trabalhadores (GRAF 13).

¹⁷ Vale mencionar aqui que não estamos considerando a elevação da escolaridade como ampliação da qualificação dos trabalhadores. A análise destaca apenas o grau de instrução desses trabalhadores. A qualificação envolve outras características que não foram analisadas nesse trabalho.

¹⁸ A faixa de mais de 20 salários mínimos representava 0,03% dos trabalhadores, não aparecendo na distribuição. Há ainda 3% de “ignorados” não incluídos nessa análise.

No entanto, no decorrer do período de 1985 a 2010 essa distribuição possuiu características diferentes¹⁹, podendo ser observados quatro momentos distintos (GRAF 14).

No período de 1985 a 1990, ocorreu uma redução do total de trabalhadores com remuneração até 2,0 SM e aumento dos trabalhadores nas faixas entre 2,01 a 10,0 SM. A dinâmica desse período produziu, a partir de 1990, um segundo momento que se estendeu até 1995. Nesse período, a participação das faixas até 10 SM são mais próximas, ou seja, as diferenças entre a quantidade de trabalhadores nessas faixas são menores, havendo maior equilíbrio na distribuição da remuneração (GRAF 15 e 16).

No período entre 1995 e 2000, a distribuição da remuneração entre as faixas dá sinais de mudança, com a redução da participação dos trabalhadores que ganham acima de 3,0 salários mínimos e o aumento da participação daqueles que ganham entre 1,01 e 3,0 SM. Essa tendência se consolida a partir de 2000, com maior concentração de trabalhadores na faixa de 1,01 a 2,0 SM que passa de 35,5% em 2000 para 52,2% em 2002 e 57,1% em 2010, conforme já mencionado. Por outro lado, a participação dos trabalhadores que ganham acima de 3,0 SM cai de 30,0% em 2000 para 18,2% em 2002 e 16,5% em 2010. Entre esses dois grupos, a faixa de trabalhadores com rendimentos entre 2,01 e 3,0 SM, que estava crescendo até o ano 2000, também perde espaço a partir de então, tendo sua participação reduzida de 33,4% em 2000 para 21,8% em 2010, representando uma queda de 11,6 pp no período (GRAF 17 e 18).

Considerações finais

Este artigo buscou resgatar o processo de desenvolvimento Industrial do Norte de Minas e o papel da SUDENE no mesmo, destacando a influência dos mesmos na conformação do mercado de trabalho na região. Sob esse foco, realizou-se a caracterização da região Norte de Minas, seu processo de industrialização e de formação do mercado de trabalho, com destaque para o papel da SUDENE no desenvolvimento e industrialização regional e consequente integração do Norte de Minas à dinâmica de acumulação capitalista.

A industrialização fomentada pela Superintendência também contribuiu para a formação de um mercado de trabalho com grande oferta de mão-de-obra, advinda principalmente da atividade agropecuária e recém-integrada à dinâmica urbana, com baixa escolaridade e expectativas de trabalho e renda também reduzidas. Isso favoreceu a manutenção de baixos níveis salariais e a não articulação desses trabalhadores, enquanto classe.

Essa configuração da industrialização e da consolidação do mercado de trabalho, pode ter favorecido a manutenção de estruturas de controle do processo de trabalho tradicionais, sem a participação dos trabalhadores na discussão mínima desses processos. Mas essa é outra reflexão, que foge ao escopo desse artigo²⁰. No entanto, as características fomentadas no início do processo de industrialização e desenvolvimento deixaram suas marcas até a atualidade nas características do mercado de trabalho. Assim, com base na análise das mudanças no perfil dos trabalhadores ocupados na produção atualmente, buscou-se identificar elementos que apontassem para a necessidade de mudanças nas práticas de controle do processo de trabalho nas indústrias.

¹⁹ Essas diferenças entre os períodos ocorrem para as faixas de remuneração a partir de 1,01 até 10,0 salários mínimos. Para as faixas até 1SM e acima de 10 SM, a participação no período permanece praticamente inalterada.

²⁰ Merece destaque também o papel das características culturais historicamente construídas na região, baseadas na dependência e consequentemente no favor como forma de manter as relações de dominação, que influenciaram nesse processo. Para maior detalhamento ver: SINDEAUX, R. V. Mercado de trabalho e controle do processo de trabalho na Indústria: Um estudo no Norte de Minas. Tese de Doutorado, 2012. UFMG.

Dessa forma, observou-se que para o período de 1985 a 2010, várias mudanças ocorreram na oferta de postos de trabalho e no perfil dos trabalhadores ocupados na produção do setor industrial no Norte de Minas. Quanto à oferta de trabalho, as mudanças apontam para um crescimento no setor, principalmente para os subsetores metalúrgico, têxtil e químico-farmacêutico, e com algumas características gerais e comuns entre os subsetores.

A primeira diz respeito à faixa etária, cuja maior participação é de trabalhadores acima de 30 anos, significando um perfil de trabalhador mais maduro. Para esse trabalhador, além da sobrevivência individual soma-se a responsabilidade pela família e maior preocupação com o futuro. Qual seria a justificativa da maior participação desse perfil de trabalhador na indústria atualmente e a redução da participação de trabalhadores mais jovens? Acredita-se que tal perfil de demanda por trabalhadores esteja vinculado às estratégias de contratação e gestão das empresas. Ao analisar os dados, verificou-se que as empresas que optavam e optaram por trabalhadores de primeiro emprego e mais jovens, mudaram suas estratégias de contratação e vínculo, privilegiando o perfil de trabalhadores adultos, ampliando a faixa etária da mão-de-obra na produção.

Outra característica comum está relacionada à escolaridade. A prevalência do trabalhador com ensino médio e o surgimento de percentuais de trabalhadores com ensino superior demonstram maior escolarização dos trabalhadores na produção, seja como reflexo do maior grau de instrução da população brasileira, seja como uma estratégia de gestão deliberada.

Nesse aspecto, essa maior escolarização pode significar maior capacidade de reflexão e resistência. Esse perfil poderia estar alterando as estratégias de controle e disciplina da força de trabalho na região? A elevação da escolaridade e as expectativas de rendimento e de ascensão profissional que possui o trabalhador com maior grau de instrução podem alterar o vínculo do trabalhador com a empresa. As tarefas simples e rotineiras da produção organizada sobre bases tayloristas/fordistas podem provocar menor vínculo dos trabalhadores mais escolarizados, que buscam novos postos de trabalho afins à formação que possuem e, ainda mais, com perspectivas de maior ascensão profissional.

Assim, nos subsetores mais tradicionais, como o têxtil, alimentos e bebidas e até no metalúrgico, tem ocorrido um sensível movimento de recrutamento de trabalhadores com menor escolaridade. As características do processo de produção nesses setores reforçam a perspectiva regional tradicional da dependência, vez que a empresa se apresenta como alternativa de emprego qualificado e crescimento pessoal e profissional para esse perfil de trabalhadores. Por outro lado, no subsetor químico-farmacêutico, o movimento de expansão da escolaridade dos trabalhadores é mais perceptível, sendo o que possui maior percentual com ensino superior. Os processos produtivos abertos às inovações demandam maior aporte do conhecimento dos trabalhadores à dinâmica da produção para ampliar a competitividade das empresas.

Outra característica comum diz respeito ao gênero: a produção é um espaço masculino, com a maior parte dos trabalhadores sendo homens. Também é comum que, para o sexo feminino, a sensibilidade da ocupação às retrações dos subsetores seja mais acentuada. Em períodos de redução do número de empregados, as trabalhadoras são aquelas que primeiro e em maior percentual perdem seus empregos. Assim, além da preferência por trabalhadores masculinos, há também preferência pela flexibilidade de contratos para o sexo feminino. Seria isso uma característica ou estratégia da gestão das empresas? Merece aprofundamento posterior.

Finalmente, embora não relacionado às características dos trabalhadores, mas importante para compreender o modo de vida do trabalhador e suas condições de sobrevivência na região e consequente vínculo do mesmo com as empresas, foram analisadas as características referentes à

remuneração. Identificou-se uma tendência à polarização da remuneração em dois grupos: o maior, composto da maioria dos trabalhadores, com rendimentos até 2,0 salários mínimos e outro, o menor, com trabalhadores com rendimentos acima de 5 ou 7 salários mínimos, de acordo com o subsetor.

Outro aspecto comum identificado quanto à remuneração foi a flexibilidade e fragilidade dos contratos para os trabalhadores da faixa de remuneração mais baixa da indústria. Assim como ocorre com as trabalhadoras, aqueles que possuem rendimentos na faixa de remuneração mais baixa são os primeiros a serem demitidos, quando o setor retrai.

Por outro lado, também observado como ponto comum e relacionado à região, destaca-se a redução da dependência financeira do trabalhador em relação à empresa. A faixa de remuneração da maior parte dos trabalhadores tende a se aproximar do salário mínimo. Em função dos ganhos reais do salário mínimo, da redução do custo de vida na região e da ampliação de oportunidades de trabalho, esse trabalhador pode deixar a empresa e buscar outra atividade para sua sobrevivência (mesmo fora do setor industrial), com nível de rendimento semelhante à indústria, sem que isso signifique risco à sua sobrevivência.

Por fim, essas características mencionadas, acredita-se, podem afetar os processos de controle e manutenção da disciplina na fábrica, aspecto que merece aprofundamento posterior. É possível questionar, por exemplo, qual a estrutura de organização e controle do processo de trabalho tem sido utilizada para obter desses trabalhadores os níveis de produtividade necessários ao crescimento do setor industrial na região. Além disso, o que significa esse perfil para as empresas? Quais são as vantagens desse perfil de trabalhador e quais os problemas e conflitos decorrentes do mesmo? Essas questões despertam a necessidade de maiores e mais detalhadas análises que fogem ao escopo desse artigo. Fica a deixa.

RERERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério do Trabalho. Secretaria de mão-de-obra. (1985) Configuração parcial da força de trabalho; uma visão dos grandes grupos 3 a 8 da CBO, conforme dados da RAIS, 1981-1982-1983. Brasília, 1985.
2. BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. Registros administrativos : RAIS e CAGED. — Brasília: MTE,SPPE/DES/CGET, 2000.
3. BURAWOY, M. (1990) **A transformação dos regimes fabris no capitalismo avançado**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS. No. 13. ano 5 jun/1990. p. 29-50
4. CÂNDIDO, Antônio. **Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus meios de vida**. LivrariaDuasCidades, 1979.
5. CARDOSO, José Maria Alves. A região norte de Minas Gerais: um estudo da dinâmica de suas transformações espaciais. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (orgs). **Formação social e econômica do norte de Minas**.
6. COUTINHO, Mauricio C. Economia de minas e economia de mineração em Celso Furtado. **Nova Economia**. Belo Horizonte 18(3) 361-378. setembro-dezembro/ 2008
7. MOREIRA, Hugo Fonseca. (2010). **“Se for pra morrer de fome, eu previro morrer de tiro”**. **O Norte de Minas e a formação de lideranças rurais**. Dissertação de mestrado. Programa de

- pós-graduação de ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade. – UFFRRJ, 2010.
8. OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. (1996). **O Processo de desenvolvimento de Montes Claros, sob a orientação da SUDENE (1960 – 1980)**. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996
 9. OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. (2000). O processo de formação de Montes Claros e da Área Mineira da SUDENE. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. & RODRIGUES, Luciene (Org.). **Formação social e econômica do Norte de Minas. Montes Claros**: Editora UNIMONTES, 2000.
 10. OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. & RODRIGUES, Luciene (Org.). (2000). **Formação social e econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Editora UNIMONTES, 2000
 11. PEREIRA, Laurindo Mékie. (2007). **Em nome da região, a serviço do capital: O regionalismo político norte-mineiro**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.
 12. QUERINO, Augusto.(2006). **Montes Claros e o Norte de Minas na rede urbana do centro-sul: Fábulas e Metáforas do Desenvolvimento**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social. Unimontes: Montes Claros, 2006.
 13. RODRIGUES, Luciene, (2000). **Formação econômica do norte de Minas e o período recente**. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; & RODRIGUES, Luciene (orgs). **Formação social e econômica do norte de Minas**. Ed. Unimontes, 2000.
 14. SANTOS, Gilson Cássio de O. (2009). **O mercado de Trabalho formal em Montes Claros de 1985 a 2006**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social. Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, 2009.
 15. SILVA, Ricardo dos Santos. (2011). **Nos trilhos do capital:A ferrovia no processo de integração do norte de Minas Gerais às relações capitalistas de produção**. Dissertação de Mestrado. Unimontes, 2011.
 16. TELLES, Selva de Sousa Lima. (2006). **Velhos atores, novas práticas: desenvolvimetro tecnológico e modernização conservadora no norte de Minas Gerais**. Dissertação (mestrado) Programa de pós-graduação em Desenvolvimento social – Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Montes Claros-MG, 2006
 17. VIANNA, Urbino de Sousa. (1916). **Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos**. Belo Horizonte, s.e, 1916.

18.

ANEXO: GRÁFICOS

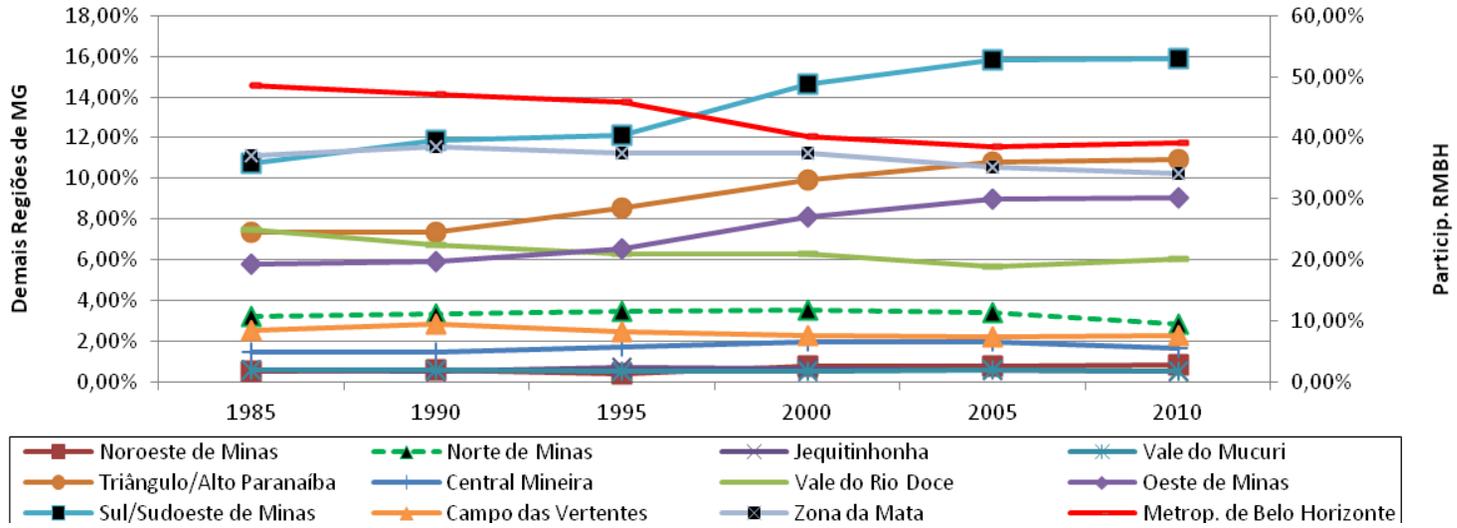


GRÁFICO 01: Participação das mesorregiões mineiras no estoque de mão-de-obra no setor industrial do estado – 1985 - 2010.
 Fonte: RAIS/MTE

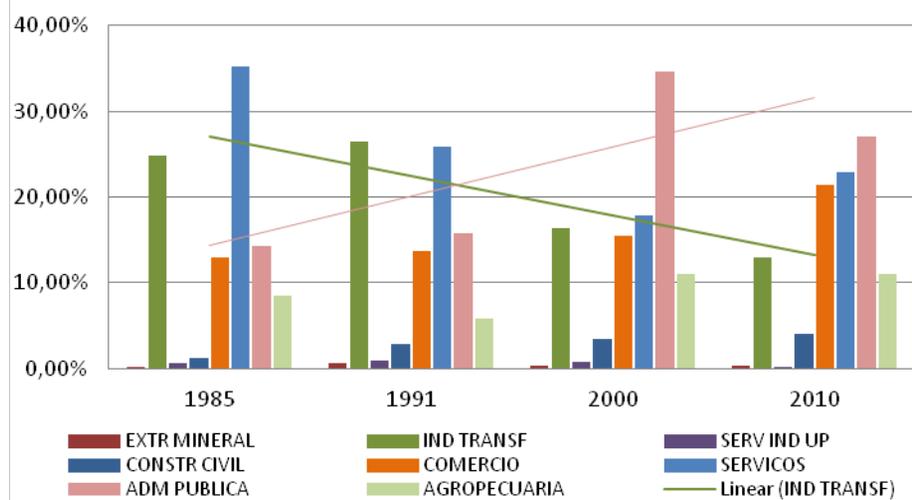


GRÁFICO 03: Participação dos setores no total de empregados. Norte de Minas: 1985-2010
 Fonte: RAIS/MTE

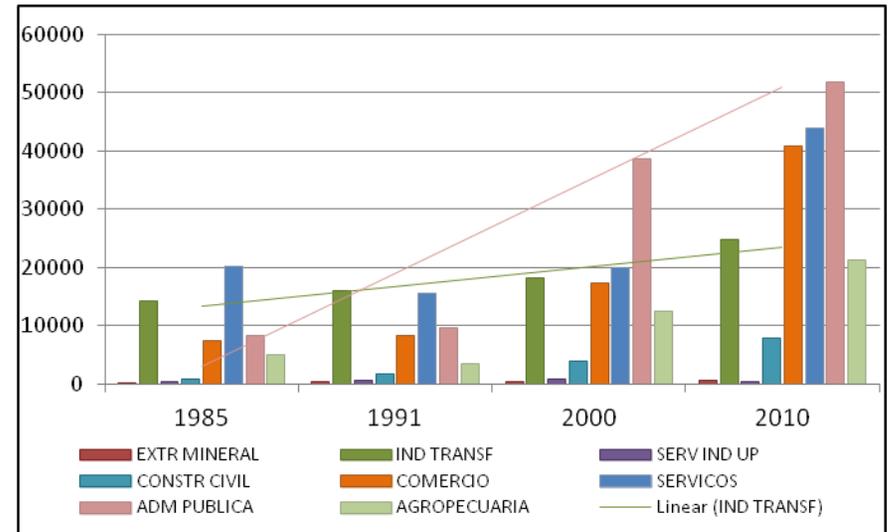


GRÁFICO 04: Número de empregados por setor. Norte de Minas: 1985-2010
 Fonte: RAIS/MTE

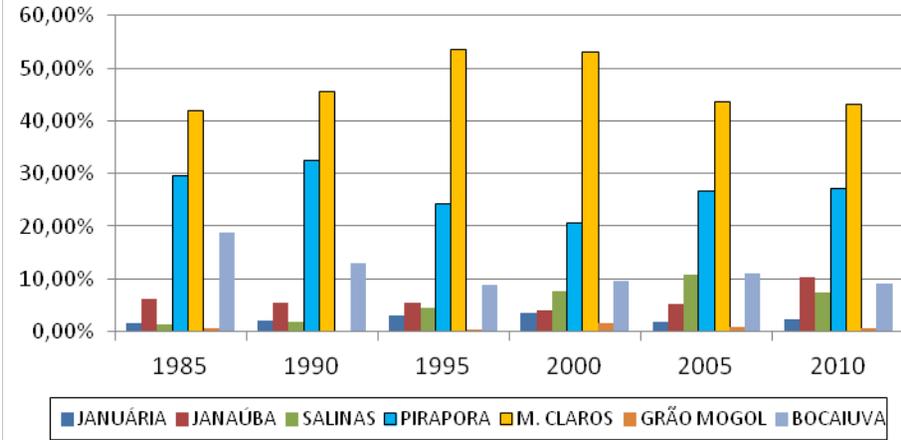


GRÁFICO 05: Ocupação no setor industrial por microrregião: 1985-2010 (%)
 Fonte: RAIS/MTE

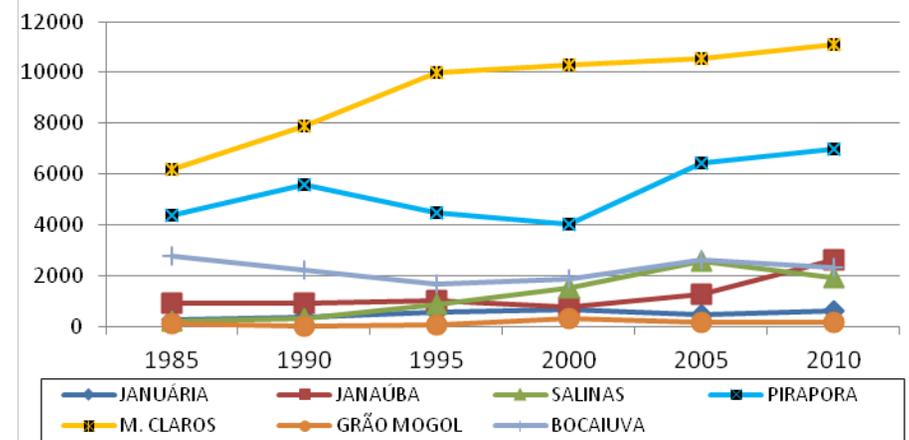


GRÁFICO 06: Trabalhadores ocupados na indústria por microrregião 1985-2010
 Fonte: RAIS/MTE

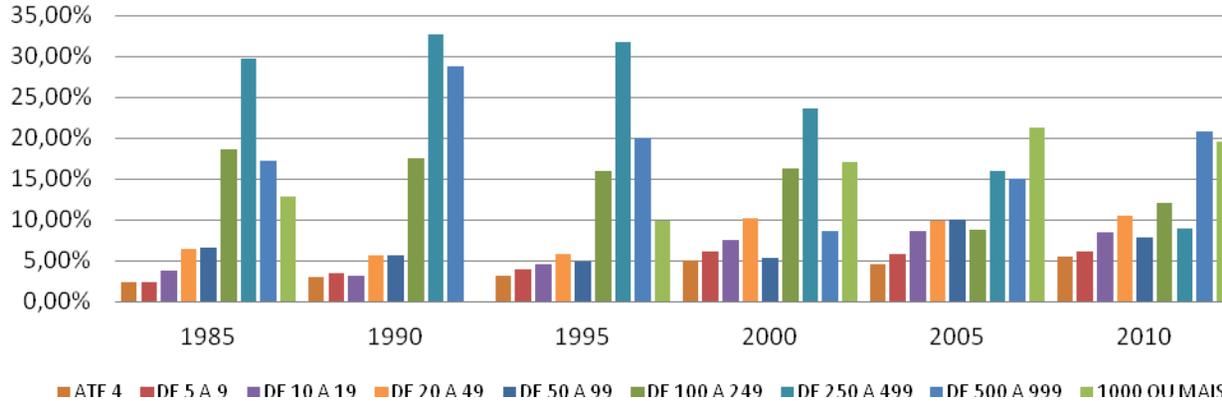


GRÁFICO 07: Ocupação da mão-de-obra por tamanho do estabelecimento (nº de empregados). N. de Minas – 1985-2010 (%)
 Fonte: RAIS/MTE

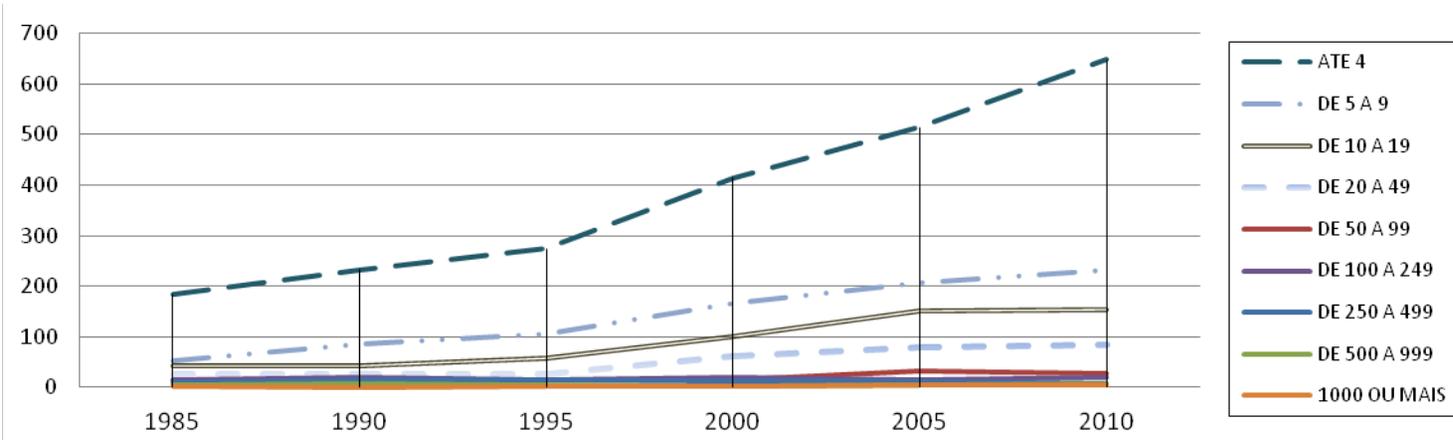


GRAFICO 08: Estabelecimentos por tamanho (número de empregados) no Norte de Minas. 1985 a 2010
 Fonte RAIS/MTE

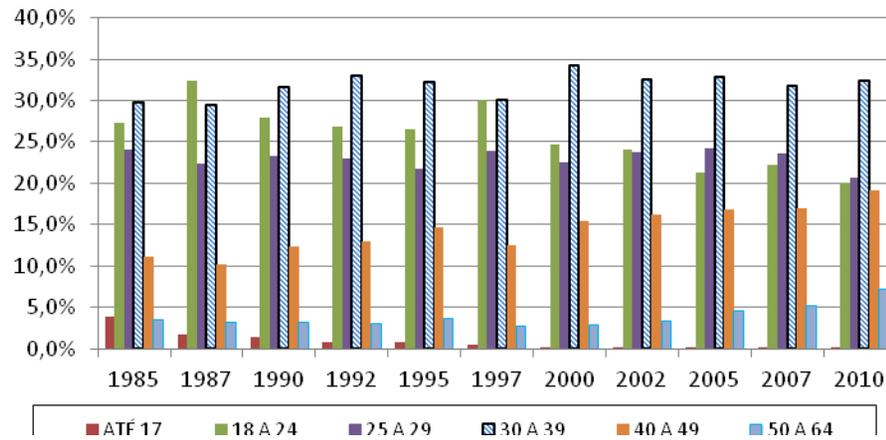


GRÁFICO 09: Faixa etária dos trabalhadores da indústria no N. Minas. 1985-2010
 Fonte: RAIS/MTE

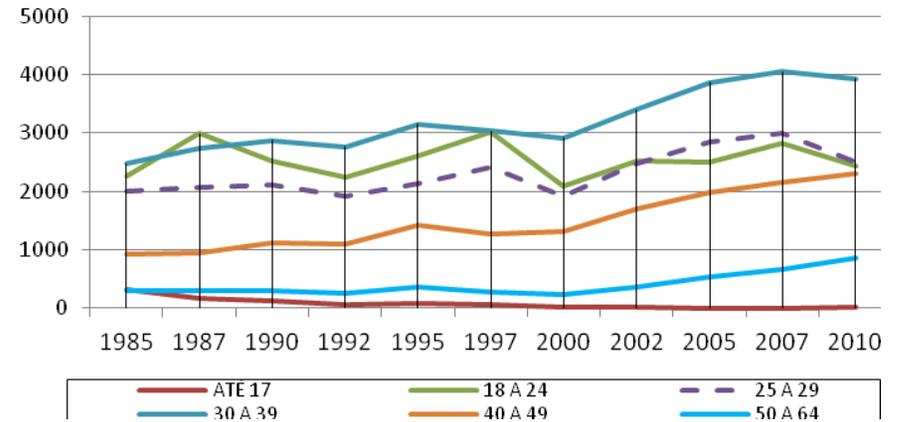


GRÁFICO 10: Número de trabalhadores por faixa etária. Norte de Minas. 1985-2010
 Fonte: RAIS/MTE

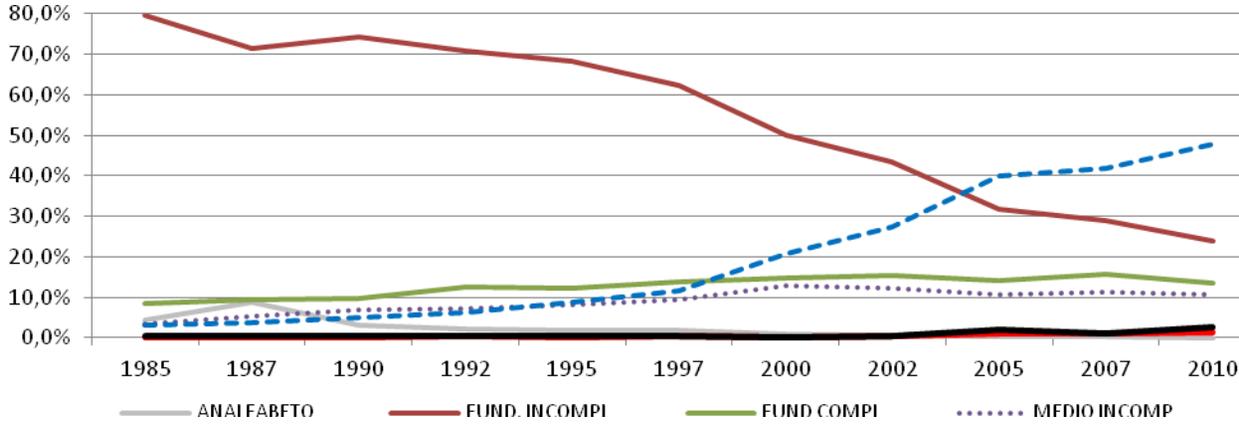


GRÁFICO 11: Escolaridade dos trabalhadores da produção na indústria no Norte de Minas. 1985-2010 (%)
 Fonte: RAIS/MTE

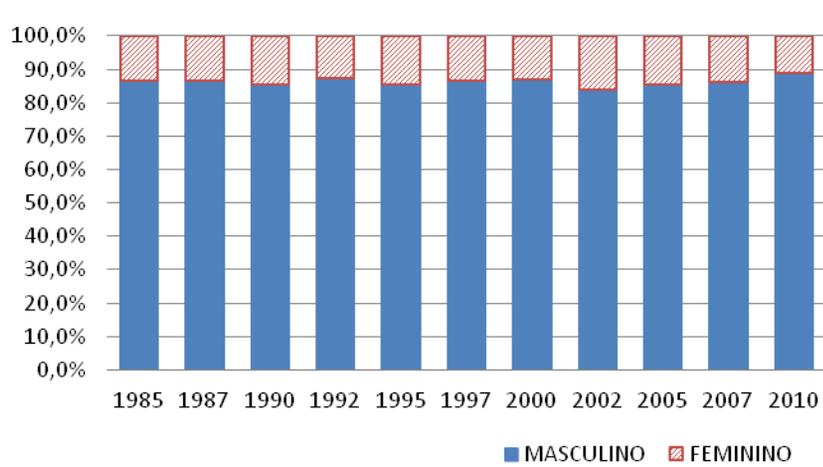


GRÁFICO 12 Trabalhadores da produção no setor industrial segundo o gênero. N. Minas. 1985-2010. (%).
 Fonte: RAIS/MTE

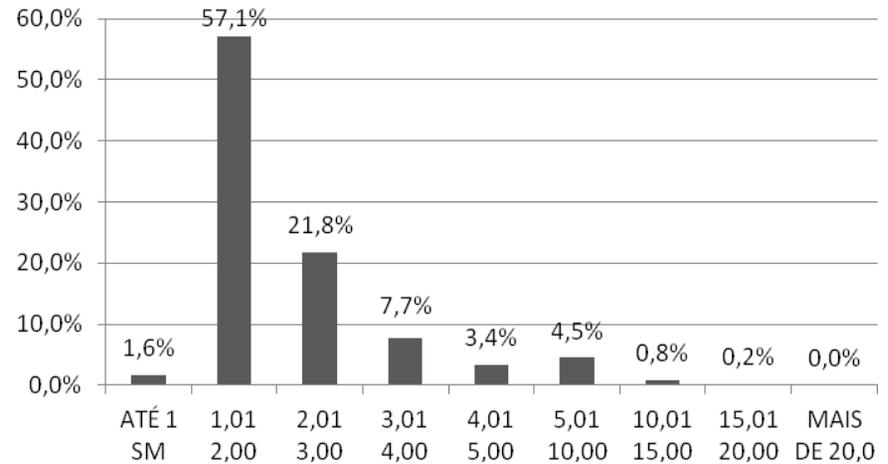


GRÁFICO 13: Distribuição dos trabalhadores da indústria por faixa de remuneração. Norte de Minas. 2010
 Fonte: RAIS/MTE

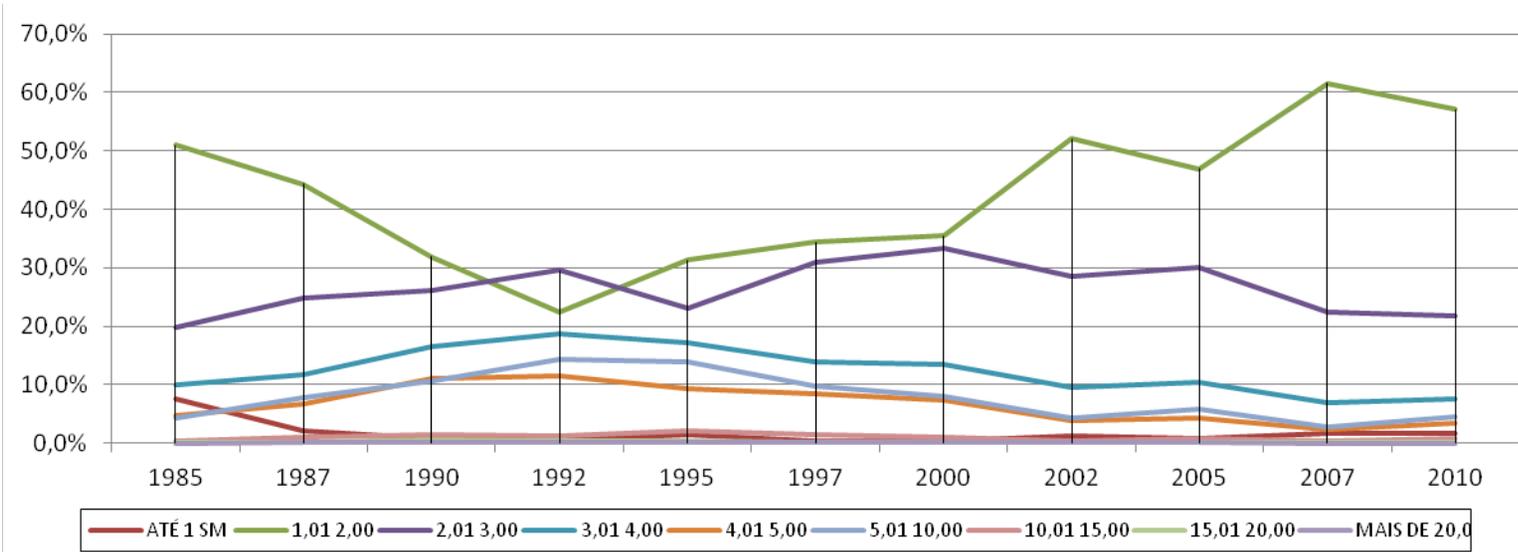


GRÁFICO 14: Trabalhadores da indústria por faixa de remuneração. Norte de Minas 1985-2010

Fonte: RAIS/MTE

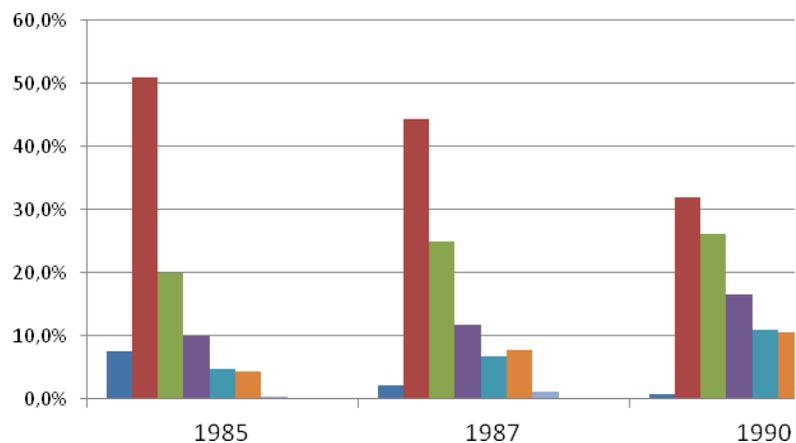


GRÁFICO 15: Trabalhadores por faixa de remuneração. N. Minas 1985-1990

Fonte: RAIS/MTE

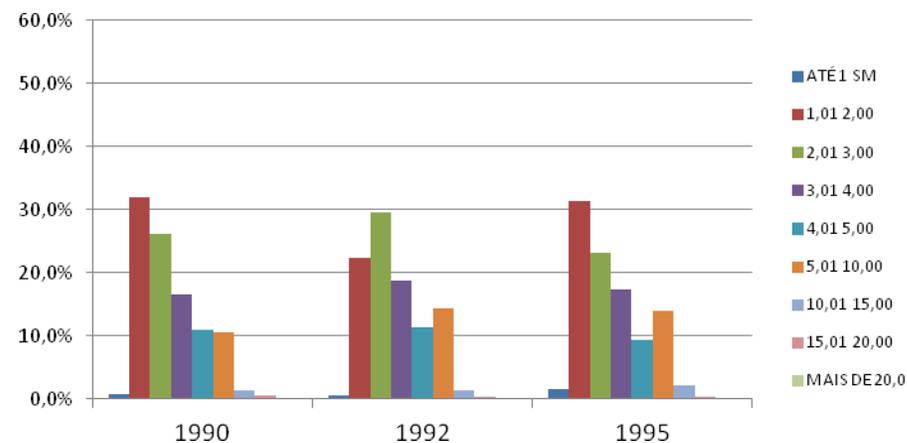


GRÁFICO 16: Trabalhadores por faixa de remuneração. N. Minas 1990-1995

Fonte: RAIS/MTE

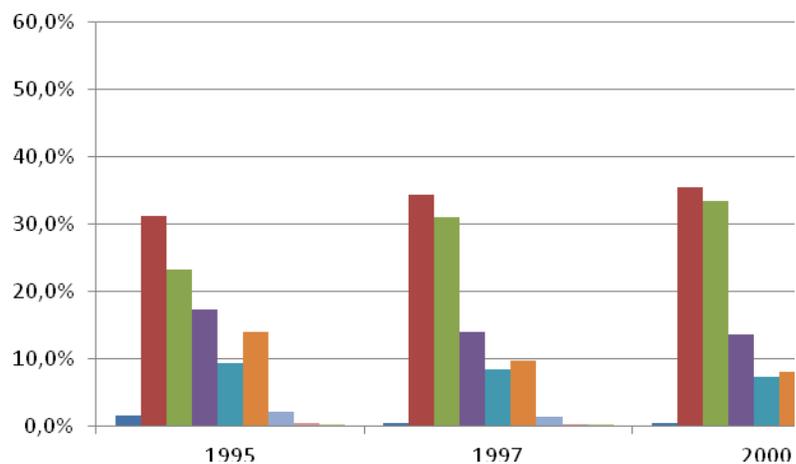


GRÁFICO 17: Trabalhadores por faixa de remuneração. N. Minas 1995-2000

Fonte: RAIS/MTE

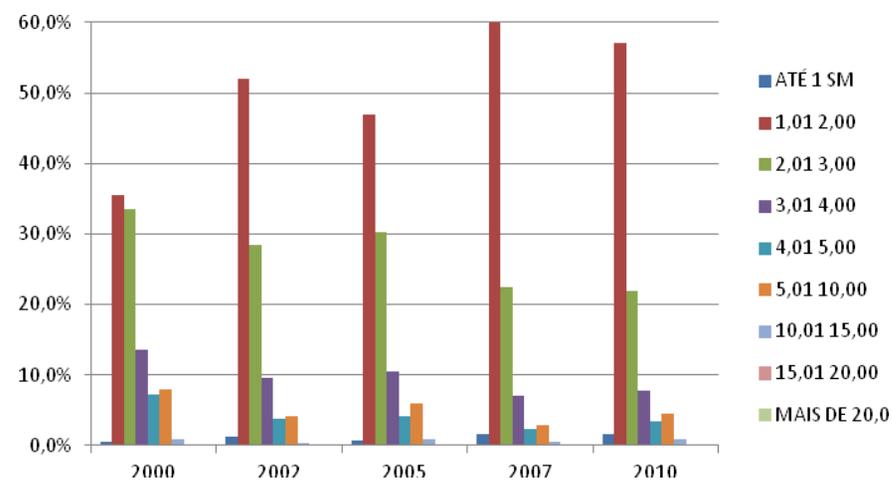


GRÁFICO 18: Trabalhadores por faixa de remuneração. N. Minas 2000-2010

Fonte: RAIS/M